



CHILE

O desafio de atrair os votos de centro

Mercado reage com entusiasmo ao resultado do primeiro turno da corrida presidencial, com o ultradireitista Antonio Kast à frente do esquerdista Gabriel Boric. Primeira pesquisa mostra empate técnico entre os finalistas

A primeira pesquisa de intenção de votos para o segundo turno das eleições presidenciais no Chile mostra os dois finalistas em condições de igualdade. Segundo a sondagem do Instituto Cadem, o candidato de extrema direita José Antonio Kast e o esquerdista Gabriel Boric estão empatados tecnicamente, com 39%. Para analistas, nessa reta final da corrida ao Palácio de La Moneda, que se encerra em 19 de dezembro, os oponentes precisam moderar seus discursos para atrair o centro. E nisso, Boric sai em desvantagem, de acordo com os prognósticos.

O resultado das urnas, que confirmou o favoritismo dos dois políticos de perfis antagônicos, foi bem recebido pelo mercado chileno, que reagiu com alívio. O peso chileno abriu com forte valorização de 3,5%, negociado a 800 unidades por dólar no início das operações. A Bolsa de Santiago disparou na abertura, com alta de 9,25%.

Apesar das longas filas, as eleições voltaram a registrar uma pequena participação, de 46,8% — mais da metade do eleitorado, portanto, enviou uma mensagem de insatisfação com a política. Muitos jovens, os protagonistas das manifestações que estouraram há dois anos reivindicando igualdade social, mostraram-se, ontem, assustados com a liderança de Kast, o que poderia impulsionar a candidatura de Boric.

Com adversários em polos opostos, analistas consideram que o segundo turno “será uma versão aprofundada das retóricas do medo”, apesar das promessas dos comitês dos dois candidatos de evitar a polarização. “Vai ser uma eleição de um medo contra o outro”, disse o Marcelo Mella, da Universidade de Santiago, da agência de notícias France-Presse (AFP).

“O medo de uma candidatura de Boric de esquerda, que não consiga responder aos problemas que o país enfrenta hoje, ou o medo de uma liderança ultraconservadora com Kast, que prejudique gravemente a base do pluralismo que uma democracia deve ter”, detalhou Mella.

Candidato do Partido Republicano, Kast, advogado de 55 anos, liderou o primeiro turno com 27,97% dos votos e um discurso de “paz, ordem, progresso e liberdade”. Lançado pela aliança Aprovo Dignidade - Frente Ampla e Partido Comunista, o deputado Borick, ex-líder estudantil de 35 anos, recebeu 25,7%, ao identificar-se com os protestos sociais de outubro de 2019 contra a desigualdade social e que busca um novo modelo de país.

Fiel da balança

De acordo com as análises, a principal chave para vencer o segundo turno está nos votos dados ao liberal Franco Parisi. O candidato antissistema surpreendeu ao ficar no terceiro lugar ao receber 13% dos votos, apesar de residir nos Estados Unidos e de ter feito campanha apenas pela internet, sem colocar os pés no Chile durante a campanha eleitoral, nem para votar.

Parisi, economista de 54 anos, candidato do modesto Partido do Povo, recebeu mais de 800 mil votos com sua campanha em formato digital baseada no Alabama, com duras críticas à classe política tradicional e à elite chilena. Ele chegou a anunciar algumas vezes a possibilidade de ir ao Chile, todas frustradas — a mais recente pelo fato de ter sido infectado com covid-19. “Esses são os votos que terão que ser disputados”, declarou à AFP Rodrigo Espinoza, da Universidade Diego Portales. Em um vídeo que circulou ontem, Parisi critica Boric, mas nega apoio a Kast.

Em quarto lugar, o candidato Sebastián Sichel, apoiado pelo governo de Sebastián Piñera, contou 12% dos votos. Ainda durante a apuração, ele se disse disposto a conversar com Kast para um eventual apoio. A senadora Cristiana Yasna Provoste, da Democracia Cristã, foi a quinta colocada, com 11%.

Kast e Boric celebraram quase ao mesmo tempo a passagem ao segundo turno ao lado de seus simpatizantes e com discursos que apontam realidades opostas para o futuro do

AFP



Antonio Kast comemora resultado com eleitores: discurso prega retorno da tranquilidade ao país e culpa o oponente pela instabilidade

AFP



Boric diz que tem projeto “transformador, sério e responsável”

Chile após o mandato de Piñera, em março de 2022.

Nas primeiras manifestações, o ultraconservador Kast defendeu o retorno da tranquilidade ao país, após a violência e os distúrbios no âmbito dos protestos iniciados em 18 de outubro de 2019, que levaram multidões às ruas e resultaram em distúrbios que deixaram 34

mortos e milhares de feridos. Ele acusou Boric e seus aliados do Partido Comunista pelo clima de “instabilidade” com seu projeto presidencial.

Por sua vez, o esquerdista decidiu apresentar uma mensagem comedida, sem subestimar ou ironizar o adversário. O ex-dirigente estudantil afirmou que seu projeto é “transformador, sério e responsável” e que

garante a melhor qualidade de vida para todos os chilenos. “Não saímos às ruas para que tudo continue igual”, disse.

Se os dois adversários concordam em algo é que precisam conquistar apoios da política tradicional de centro, cujos partidos e líderes foram deixados de lado no domingo pelos eleitores, que também votaram para deputados, senadores e conselheiros regionais.

“Kast não vai poder ser hiperconservador nem Boric o hiper-revolucionário. Eles precisam conseguir mais votos e vão conseguir isso com as forças intermediárias”, afirmou Ernesto Ottonne, ex-conselheiro da presidência. “O fato de que a centro-esquerda e a centro-direita não estão no segundo turno é um pouco enganoso, porque a direita votou em Kast, obviamente, embora estivesse comprometida com Sichel. E do ponto de vista da centro-esquerda, já registrava uma queda e uma certa ilusão de um setor da centro-esquerda com Boric”, concluiu.

Congresso dividido

Seja quem for o eleito para a presidência do Chile, José Antonio Kast ou Gabriel Boric, terá que ter jogo de cintura e negociar com o Legislativo para governar. Nas eleições de domingo, a direita recuperou força no Parlamento e, a partir de março de 2022 terá metade dos senadores, atualmente de centro-esquerda, algo inédito desde a redemocratização. Na Câmara dos Deputados, totalmente renovada, há um equilíbrio de forças, que, segundo analistas, não confere vantagens a nenhum dos presidencialistas.

Totalizados os votos, a centro-esquerda ficou com 37 deputados, enquanto a esquerda da Frente Ampla avançou e obteve o mesmo número de assentos, somando 74 das 155 vagas. São, no entanto, blocos distintos. A direita ficou com 68, praticamente mantendo a atual situação, reunidas as bancadas da aliança Podemos Más do Chile, cuja representatividade caiu, e a Frente Social Cristã (de Kast), que fez sua estreia na Câmara elegendo 15 parlamentares.

“A partir de março de 2022 veremos uma direita com bloco sólido no Parlamento, porque é um setor pragmático que, se tiver que se unir, o fará sem complexos”, ressaltou o analista político René Jofré ao jornal espanhol *El País*.

No Senado, três surpresas são destacadas pelos analistas políticos. A primeira delas é o retorno do Partido Comunista, que conquistou dois assentos. A legenda não tinha representação na Casa desde 1973. A segunda consiste na estreia do Partido Republicano de Kast. Por último, a eleição de um dos principais símbolos dos levantes sociais de 2019, Fabiola Campillai, que ficou cega pela repressão policial.

Na Câmara, pela primeira vez, uma mulher transgênero foi eleita, a estudante de direito Emilia Schneider, de 25 anos.

VENEZUELA

Chavismo domina eleições

Em eleições com alto índice de abstenção, o chavismo conquistou a prefeitura de Caracas e 20 dos 23 governos estaduais da Venezuela, num resultado celebrado pelo governo de Nicolás Maduro e criticado por Washington. “Não refletem a vontade do povo venezuelano”, denunciou o secretário de Estado americano, Antony Blinken.

Enfraquecida e fragmentada no retorno de seus principais partidos à disputa eleitoral, a oposição venceu apenas em três estados, incluindo Zulia, o mais populoso do país. Os adversários políticos de Maduro foram derrotados em uma região crucial que governavam: Táchira, na fronteira com a Colômbia.

Apesar desse cenário, o líder

da oposição venezuelana, Juan Guaidó, considerou que “seria injusto” rotular de “fracasso” a derrota da oposição nas eleições regionais. Reconhecido por 50 países como presidente interino do país, Guaidó, que se absteve de votar, chamou o processo eleitoral de “absolutamente falho e claramente desigual”, a despeito da presença de observadores internacionais após anos de ausência, uma das condições mais exigidas pela oposição.

“Esse resultado é lamentável para a oposição, pois foi definido fundamentalmente devido à abstenção e divisão”, afirmou, por sua vez, o analista Luis Vicente León, diretor do instituto de pesquisas Datanálisis, em referência às dificuldades dos rivais de

Maduro para estabelecer candidaturas unificadas.

O presidente do Conselho Nacional Eleitoral (CNE), Pedro Calzadilla, anunciou uma taxa de participação de 41,8%, com o comparecimento de 8,1 milhões dos 21 milhões de votantes que estavam registrados para comparecer às urnas.

Além de Caracas, o Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) saiu vencedor nos seguintes estados: Amazonas, Anzoátegui, Apure, Aragua, Barinas, Bolívar, Carabobo, Delta Amacuro, Falcón, Guárico, Lara, La Guaira, Mérida, Miranda, Monagas, Portuguesa, Sucre, Táchira, Trujillo e Yaracuy.

“Bom triunfo, boa vitória, boa colheita produto do trabalho, um trabalho perseverante”,

AFP



Fila de eleitores em frente a um mural de Hugo Chávez, em Caracas: críticas dos EUA

celebrou Maduro. As eleições regionais eram consideradas um novo ponto de partida tanto para o herdeiro de Hugo Chávez,

que busca o fim das sanções internacionais, como para a oposição, que retornou ao processo eleitoral com o olhar voltado

para uma eleição presidencial “transparente” em 2024.

Para a Casa Branca, prevaleceu o rolo compressor do Palácio de Miraflores. “As detenções arbitrárias e o assédio de atores políticos e da sociedade civil, a criminalização das atividades dos partidos da oposição, a proibição de candidatos em todo o espectro político, a manipulação das listas de eleitores, a censura persistente dos meios de comunicação e outras táticas autoritárias sufocaram praticamente o pluralismo político e garantiram que as eleições não refletissem a vontade do povo venezuelano”, enfatizou Antony Blinken em um comunicado.